



## ***SOBRE A MORTE E O MORRER NO SÉCULO XIX: UM DIÁLOGO HISTORIOGRÁFICO COM A MODERNIDADE***

*Kelly Chaves Tavares*

Mestranda em História Social da Amazônia, UFPA. E-mail:  
kellytavareshist@gmail.com

### **RESUMO**

Este ensaio tem o objetivo promover uma discussão historiográfica entre as representações sobre a morte e as concepções do bem morrer no século XIX dialogando, para tanto, com o conceito de modernidade advindo das reflexões de Marshall Berman. As reflexões a serem feitas no decorrer deste ensaio dizem respeito aos simbolismos atribuídos à morte pelos homens e mulheres dos oitocentos, sentidos nos quais se entrelaçavam signos religiosos e sociais, envolvendo nestas concepções problemas sociais, a exemplo da pobreza, marginalidade das classes populares e estratégias de controle por parte de administradores públicos, higienistas e autoridades da segurança pública durante a vivência da modernidade e do público e o privado como esferas bastante interligadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morte. Boa Morte. Modernidade. 2ª Revolução Industrial. Século XIX.

## ***ON DEATH AND DYING IN THE 19TH CENTURY: A HISTORIOGRAPHICAL DIALOGUE WITH MODERNITY***

### **ABSTRACT**

This essay aims to promote a historiographical discussion between the representations about death and the conceptions of good dying in the 19th century, dialoguing, therefore, with the concept of modernity arising from the reflections of Marshall Berman. The reflections to be made in the course of this essay concern the symbolisms attributed to death by men and women of the eighties, senses in which religious and social signs were intertwined, involving in

these conceptions social problems, such as poverty, marginalization of the popular classes and strategies control by public administrators, hygienists and public security authorities during the experience of modernity and the public and the private as very interconnected spheres.

**KEYWORDS:** Death. Good Death. Modernity. 2nd Industrial Revolution. 19th Century.

## 1 INTRODUÇÃO

As representações sobre a morte e o morrer no século 19 estão intimamente ligadas às práticas religiosas e ritos da religião católica. Morrer no Ocidente do oitocentos é antes de tudo estar inserido em um universo religioso marcadamente cristão, significando com isso que homens e mulheres se preparavam para a morte planejando-se ainda enquanto estavam vivos. Vários estudiosos apontaram na historiografia internacional, notadamente, nos trabalhos produzidos pela história das mentalidades investigando o imaginário coletivo cristão sobre a morte no período medieval, moderno e no pós-Revolução Francesa. As representações religiosas do Além-túmulo também ganham destaque entre os trabalhos produzidos sob a égide da Nova História, especialmente, a obra sobre o nascimento da noção de Purgatório na Europa na Baixa Idade Média feita pelo historiador francês Jacques Le Goff<sup>1</sup>

No Brasil, o historiador estudioso da escravidão na década de 1980, João José Reis publica no limiar dos anos noventa a obra *A Morte é uma festa*, em que realiza um estudo sobre a temática fúnebre observada através da revolta popular Cemiterada eclodida em Salvador em 1836, e caracterizava-se como uma rebelião na qual os moradores das camadas médias e baixas da cidade de Salvador provocaram agitações promovidas pelos membros de irmandades, por nomes da elite política o Visconde de Pirajá devido à sanção do decreto da Câmara Municipal que retirava o poder das irmandades e ordens terceiras em enterrar os mortos e ademais proibia o enterramento no interior das igrejas e estabelecia contratos com um grupo particular de negociantes donos de um campo específico para os enterramentos dos habitantes no novo cemitério público, medida tomada pela administração municipal como

---

<sup>1</sup> Jacques Le Goff possui dezenas de reflexões sobre a relação entre o nascimento de uma economia financeira na Europa entre os séculos XIII e XIV e a inserção de novos agentes na paisagem social medieval, como os universitários, as ordens mendicantes e os usurários, estes últimos forçados a serem inclusos na paisagem religiosa do Além-túmulo, ficaram a meio caminho entre o Paraíso e a Danação, no novo estrato conferido a eles pela a teologia da Igreja Católica: o Purgatório. O tema é recorrente na obra: LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

forma a “secularizar” os cemitérios na capital da província da Bahia (REIS, 1991, p. 14).

Esta medida tornou-se impopular gerando insatisfações dos habitantes da cidade, notadamente os membros das irmandades, clérigos, livres pobres e mulheres, pois, violava preceitos católicos sagrados para aqueles homens e mulheres que consistia na perda do direito de ser enterrado em campo santo e da licença das irmandades e ordens terceiras em enterrar seus mortos (REIS, 1991, p.17). Com isso, reuniram-se junto aos párocos da cidade, os quais também viam as medidas municipais como um acinte aos preceitos católicos uma vez que privava o rebanho do seu direito de ser enterrado nos interiores e nas terras da igreja, pondo sério risco à salvação daquelas almas (REIS, 1997, p. 135).

Analisando esta revolta, João José Reis analisa as formas de bem morrer no Brasil do século 19, e seguindo modelos teóricos da antropologia evidencia-se a clara existência naquela época entre os ritos de separação, isto é, entre aqueles que morreram daqueles que permaneceram vivos; e os ritos de incorporação dos mortos a seu destino no Além-túmulo. Reis exemplifica que os ritos de separação incluíam a lavagem, o transporte do cadáver, a incineração dos objetos pessoais do morto, as cerimônias de purificação, de sepultamento e rituais periódicos de expulsão do espírito do morto da casa, da vila e em maior amplitude do universo dos vivos (Ibid., p.89).

Os significados destes ritos e o porquê eles eram tão importantes para a sociedade ocidental oitocentista são enunciados por Reis como ritos que se superpõem, ou seja, os ritos que até se confundem haja vista estarem tão imbricados que se tornava difícil aos espectadores saberem onde terminava um e começava-se o outro. Reis define que os ritos de incorporação seriam aqueles dirigidos a propiciar a reunião do morto com aqueles que seguiram antes, e cita enquanto o exemplo a comida que era servida para a sua viagem, a interferência necessária das instituições como a Igreja Católica no caso da extrema-unção ministrada pelo pároco, e a ritualística que seguia o enterro do cadáver. Nisto há a persistência da noção da morte enquanto um símbolo, isto é, como “o fato de que eles possuem muitas significações simultâneas” segundo a percepção de Turner enunciada por João José Reis (Ibid., p.89).

Morrer nos oitocentos significa preparar ainda em vida “uma boa morte”. Segundo o historiador francês Phillippe Ariès, os homens e mulheres do século 19 no Ocidente cristão assim que sentiam a morte próxima concebiam-na regulamentada por uma série de rituais costumeiros naquelas sociedades, geralmente descritas desde a época medieval com beneficência, significando assim ser sinônimo de morte comum e esperada por todos os

cristãos em conceituação definida por ele como a morte domada (ARIÈS, 1989, p. 07).

Ariès argumenta que “essa morte perfeita” traduzia-se neste século enquanto emoção, na melhor expressão da sensibilidade romântica que não era costume expressar antes do século 19. O historiador francês ressalta que o rito de morte nesta época ainda era diferente daquilo que observamos em nossas sociedades ocidentais cristianizadas, em que a morte chega aos moribundos geralmente nos hospitais e instituições de saúde (ARIÈS, 1989, p.22).

A sensibilidade oitocentista era muito diferente da dos tempos hodiernos, no qual morrer em um hospital ou nas santas casas de misericórdia significava morrer em completa solidão (Ibid., p. 21). Phillippe Ariès esclarece que naqueles tempos sempre se morria em público, e nesse sentido a maioria dos rituais de passamento aconteciam em ambiente doméstico com a presença dos familiares, serviçais, amigos íntimos, a vizinhança agregada e os desconhecidos que iam ao leito assistir a despedida do moribundo e conseqüentemente seu último suspiro. A simplicidade familiar foi uma das peculiaridades necessárias da morte de acordo com Ariès (Ibid., p. 21).

Destarte, sempre morria-se em público, e o historiador francês evoca um enunciado de Blaise Pascal que resume sobremaneira o significado de morrer no século 19, que dizia “que se morre só, porque nunca se estava só fisicamente” no ritual do passamento (Ibid., p. 21).

Com a ascensão da burguesia industrial suscitando a mudança na sensibilidade tornada notadamente burguesa, o ritual da morte geralmente acontecia nos imóveis que progressivamente tornavam-se menos espaços públicos e cada vez mais privados voltados para a família nuclear, expressa, sobretudo, nas famílias de primeira e segunda classe, sendo a classe despossuída alijada das grandes espaços frequentados pela burguesia industrial e alojada nos ambientes pobres e insalubres dos bairros industriais na França de Napoleão III e na Inglaterra da EraVitoriana (GUERRAND, 2009, p. 305).

Roger Henri-Guerrand enuncia que no auge da modernidade suscitadas pela consolidação da burguesia enriquecida com os capitais provenientes do avanço do industrialismo, da expansão das novas técnicas geradas pela Segunda Revolução Industrial, os edifícios tornam-se progressivamente espaços individualizados imitando a racionalidade da lógica burguesa (Ibid., p.307-308), que de acordo com Norbert Elias o fenômeno da privatização é consubstancial à civilização desencadeada segundo Richard Sennett como situada no tempo curto da modernidade, especialmente, após a difusão do Iluminismo (PERROT, 2009, p. 08). Norbert Elias e Richard Sennett dedicam-se a captar o fenômeno da

modernidade apresentando que as esferas públicas e privadas tornavam-se progressivamente mais delimitadas e imbricadas, obtendo um ápice de equilíbrio no liberalismo burguês a seu total desmantelamento na sociedade contemporânea (PERROT, 2009, p. 09).

Phillippe Ariès exemplifica que a difusão crescente dos Estados nacionais foram os principais fatores de uma decadência das sociabilidades. Essa passagem do público para o privado seguindo a racionalidade burguesa que se inscrevem na modernidade do século 19 e na modernização das cidades industriais na Europa atesta-se na morte e em seus ritos uma das marcas deste processo (PERROT, 2009, p. 09).

Geralmente, o ritual do passamento (o nome dado no século 19 ao momento em que a morte chegava ao moribundo) dos homens e mulheres burgueses acontecia em casa, sendo o hospital considerado por elas e eles um “lugar de horrores”, e nesses espaços morriam os que não tinham família e nem dinheiro. Anne Martin-Frugier destaca que dos espaços da casa burguesa, o espaço do quarto conjugal torna-se o “santuário” na qual a agonia do moribundo processa-se, desde o local dos cuidados médicos e dos facultativos até o momento do último suspiro do convalescente (MARTIN-FRUGIER, 2009, p. 239).

Após a morte segue-se a ritualística dos cortejos fúnebres, vive-se o período do luto, este um código cultural ao qual a sociedade oitocentista apegou-se bastante, de acordo com Martin-Frugier. Entre as classes pobres da população europeia, de acordo com George Vigarello existia uma racionalização da morte muito mais aguda do que a noção que se tinha no tempo das epidemias. Seguindo essa racionalização a morte, segundo as elites, seria veiculada pelas classes pobres, haja vista seriam elas que intensificariam os focos das epidemias, notadamente a que Vigarello observou nos discursos das elites na grande epidemia de cólera que devastou a cidade de Paris em 1832 (VIGARELLO, 1981, p. 09).

Vigarello demonstra que a insistência das elites burguesas e aristocráticas sobre os perigos do povo contém tonalidade eminentemente política ao passo que também é um discurso de teor sanitário. Nesse sentido, Vigarello exemplifica o caso de Luís Chevalier e sua concepção sobre a intersecção “entre a doença, a miséria e o crime”. Nisto, o rápido crescimento da população por efeito da industrialização ocasionou o temor das elites burguesas e aristocráticas das epidemias, invariavelmente associadas às ameaças políticas promovidas pelas classes perigosas (Ibid., p. 09).

Estudando o fenômeno do aparecimento da pobreza nas cidades de Paris e Londres, Maria Stella Brescianni analisa a percepção das duas cidades através dos literatos, poetas,

sanitaristas, administradores, os quais atentaram para a consolidação do sentimento de *modernidade*<sup>2</sup> e a afirmação da noção de *homem moderno* no século 19 no mundo da burguesia industrial e da cidade em rápido crescimento populacional, buscando inserir as populações pobres e famintas no universo do trabalho de lógica capitalista, objetivando controlar esta multidão instável e inquietante inculcando nesta parcela da população ainda não absorvida pelo mundo dos ofícios, denominada por Brescianni como o *resíduo*, isto é, os estratos mais miseráveis geralmente relacionados com as doenças e o crime, dentre a população pobre habitante, por exemplo, da cidade de Londres, a qual na metade do século 19 contava com dois milhões e meio de pessoas (BRESCIANNI, 1989, p.18).

Grande parcela da população londrina concentrava-se nos bairros pobres e foram observadas minunciosamente por espectadores que ora fascinavam-se com o espetáculo da pobreza ora sentiam-se horrorizados com ela. De acordo com Brascianni, o alemão Friedrich Engels foi um destes espectadores, observando com seu olhar arguto descreve a cidade de Londres como apresentando grandes contrastes entre os bairros ricos e elegantes como o West End, Rockers St Gilles e no extremo oposto estava o East End com suas massas de casas de três a quatro andares e nelas espremiavam-se a multidão de operários e trabalhadores das tecelagens, docas, sapateiros, mendigos, prostitutas e ladrões (BRESCIANNI, 1989, p. 24).

Brescianni destaca que nas décadas finais do século 19 diante da expansão da deterioração substancial das condições de vida nos bairros miseráveis de Londres, aumentaram os discursos da alta e média burguesia que apontavam para a teoria da degeneração urbana. Entre seus adeptos estavam empresários, cientistas, administradores públicos, cujas ideias entravam em consonância com as teorias do darwinismo social, sendo valorizada por ela e, portanto, comprovavam intuitivamente, isto é, sem respaldo empírico, ao olhar para a condição dos pobres e da pobreza em Londres e nas cidades industriais de arredores, Manchester, Liverpool e Leads, tornando nessa época um campo fértil para a aceitação e difusão da “Ideia Sanitarista”, desenvolvida por Chadwick em 1840 (Ibid., p. 28).

---

<sup>2</sup> De acordo com Marshall Berman, a modernidade no século 19 está expressa em uma nova paisagem social diferente daquela que foi no século 18, nos oitocentos a dinâmica moderna emerge em um contexto altamente desenvolvido e diferenciado de paisagens de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas zonas industriais que possibilitaram a expansão de cidades, revoluções na comunicação por meio dos telégrafos e navios a vapor, além da consolidação dos Estados Nacionais cada vez mais fortes e unificados, e movimentos sociais de massa, a exemplo do Cartismo inglês, e um mercado mundial que a tudo em expansão pela Europa abarcando colônias na África e Ásia, que de acordo com Berman, são capazes de enormes desperdícios e devastação capaz de tudo, menos solidez e estabilidade. Cf. BERMAN, Marshall. *Modernidade ontem, hoje e amanhã*. In: *Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 15-17.

Seguindo esse universo cristão do imaginário sobre a morte, no caso do Império do Brasil, seguia a tendência de associação com o espaço público da cidade e do crescimento populacional e da escravidão urbana, em que os pobres brancos livres, os pobres de cor, isto é, os escravos e libertos estavam, igualmente, alojados nos cortiços do Rio de Janeiro, conformando, a exemplo de Paris e Londres da Europa, a multidão vista com temor pelas elites públicas e os funcionários de segurança e sanitaristas, por serem as classes perigosas, geralmente associadas com a vadiagem e a criminalidade, de acordo com Sidney Chalhoub (CHALHOUB, 1996, p.23).

João José Reis explicita que no Império do Brasil nos oitocentos, a morte ideal não devia ser uma morte solitária e privada, uma vez que estava integrada ao cotidiano extra doméstico da vida, sinalizando existir uma tênue linha entre o privado e o público (REIS, 1997, p. 104). Portanto, até as últimas décadas do século 19, a morte ainda é um lócus de observação do fenômeno do nascimento da intimidade burguesa, da individualização do homem burguês que ainda contém nos seus hábitos de vida interligados com a vida pública, para progressivamente no avançar do século 20, distanciar a dimensão do privado da esfera coletiva e pública.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRESCIANNI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX. O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. (Coleção Tudo é história).

GUERRAND, Roger-Henri. *Espaços privados*. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada*, vol. 04:

Da Revolução à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 302-385.

LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MARTIN-FRUGIER, Anne. *Os ritos da vida privada burguesa*. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada*, vol. 04: Da Revolução à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 176-254.

REIS, João José. *A Morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. *O Cotidiano da morte no Brasil Oitocentista*. In:

ALENCASTRO, Luís Filipe de. *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 96-175.

VIGARELLO, Georges. *O trabalho dos corpos e do espaço*. In: PROJETO

HISTÓRIA. *Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), vol. 03, São Paulo, SP, Brasil, p. 07-23, 1981.(Dossiê Cidade e Cultura).

---

TAVARES, K, C. *Sobre a Morte e o Morrer no Século XIX: Um Diálogo Historiográfico com a Modernidade*. *Complexitas - Rev. Fil. Tem.* Belém, v. 4, n. 2, p. 129-136, jul./dec. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/8056>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2020.

---